

A CONTRIBUIÇÃO DA LINGUÍSTICA ITALIANA PARA OS ESTUDOS SAUSSURIANOS

THE CONTRIBUTION OF ITALIAN LINGUISTICS TO SAUSSURIAN STUDIES

Luiza Milano¹

Elisa Devit Ottaran²

luizamilanos@gmail.com

devit.elisa@gmail.com

RESUMO: O presente artigo apresenta uma abordagem exploratória inicial da linguística saussuriana italiana. Para tanto, partiu-se da contextualização do autor que é o marco para os estudos saussurianos na Itália, Tullio De Mauro. Especial destaque é dado à originalidade da interpretação produzida por De Mauro em relação ao clássico livro Curso de linguística geral, resultando em contribuições que são definidoras da forma com que a teoria é até hoje interpretada. Termos como *langue* e *parole* ilustram essa posição de interpretação da teoria em De Mauro e em outros autores saussurianos italianos contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística italiana; *langue*; *parole*; CLG

ABSTRACT: This article presents an initial exploratory approach to Italian Saussurean linguistics. To do so, we begin with a contextualization of the author whose work is the landmark for Saussurean studies in Italy, Tullio De Mauro. Special emphasis is given to the originality of the interpretation produced by De Mauro in relation to the classic book Course in general linguistics, resulting in contributions that define the way in which Saussurean theory is interpreted until today. Terms such as *langue* and *parole* illustrate De Mauro's approach to the theory, followed by other contemporary Italian Saussurean authors.

KEYWORDS: Italian linguistics; *langue*; *parole*; CLG

¹ Professora dos cursos de graduação em Letras e em Fonoaudiologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Pós-graduação em Letras da mesma universidade.

² Professora de Língua Italiana e doutoranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

O presente artigo parte da constatação de que a linguística italiana apresenta-se como um terreno fértil e muito bem consolidado quanto à importância das reflexões sobre Ferdinand de Saussure, tendo como seu máximo expoente Tullio De Mauro. Curiosamente, em nosso percurso de estudo e pesquisa no decorrer da última década, chamou atenção a dupla face desta constatação: se por um lado vimos se abrir uma ampla gama de autores italianos que aprofundaram seus estudos na teoria saussuriana, por outro lado, salvo raras exceções, não observamos a difusão dos estudos desses autores no contexto da linguística brasileira.

A difusão do pensamento saussuriano na Itália aconteceu de uma maneira mais aprofundada a partir da investigação que o professor de linguística e filosofia da linguagem Tullio De Mauro fez na então escassa publicação do mestre genebrino e, especialmente, em seus riquíssimos manuscritos. Diferente de outras publicações extremamente importantes para os pesquisadores já iniciados – e aqui destacamos principalmente as obras de referência de Robert Godel (1957) e de Rudolf Engler (Saussure 1967-1974) – a edição crítica de Tullio De Mauro atingiu um público leitor ampliado.

De Mauro, além de traduzir o Curso de linguística geral (em 1967), acrescentou à edição italiana da obra uma introdução, 305 notas explicativas e um apêndice que acabaram por se tornar parte integrante de várias traduções, inclusive da edição em língua francesa (da editora Payot), fato que mudou definitivamente o modo de se ler o Curso de linguística geral. Como bem sublinha Faraco (2016: 19), o trabalho do linguista italiano nessa empreitada resultou em “uma obra monumental”, conforme também se pode ler na nota biográfica a respeito de De Mauro redigida por Federico Albano Leoni para a Enciclopédia Treccani (Albano Leoni 2018, com tradução que pode ser consultada nesta edição):

De fato, essas páginas não apenas ofereceram aos leitores a primeira biografia do mestre genebrino, uma reconstrução de sua formação e ambiente, um levantamento de seus interlocutores reais ou virtuais, de suas ferramentas teóricas e terminológicas, mas também ofereceram uma leitura global penetrante do pensamento de Saussure.

Massimo Prampolini, ao relembrar as críticas de Meillet à publicação do Curso de linguística geral, aponta a decisiva importância das edições críticas para o estudo do legado saussuriano:

o Curso, publicado na forma seca e nua em que apareceu, sem qualquer auxílio de leitura e aparato crítico, teria corrido o risco de banalizar o pensamento de Saussure. Desta forma, ele tornou ainda mais viva a necessidade de estudos filológicos aprofundados e edições críticas (Prampolini 2017: 106, tradução nossa).

No presente texto, portanto, apontaremos a significativa contribuição da linguística saussuriana italiana, partindo das contribuições teóricas de Tullio De Mauro e de outros destacados linguistas italianos, levando em consideração sua evidente relevância para o campo. Para dar conta de tal tarefa, tomaremos a tradução e edição crítica italiana do Curso de linguística geral, elaborada pelo renomado linguista em 1967. Nesse sentido, acompanhamos o gesto de reconhecimento do colega italiano Giuseppe D'Ottavi que, assim como Faraco e Albano Leoni, aponta que a edição de De Mauro tornou-se “uma síntese interpretativa que por sua completude, coerência e difusão logo atinge o status de standard”³ (conforme D'Ottavi, nesta edição).

1. TULLIO DE MAURO, UM PONTO DE PARTIDA

Quem se dedicava a estudar glotologia na *Università di Roma*, entre os anos de 1940 e 1960, entrava em contato com Saussure e suas noções de *langage*, *langue* e *parole* já nos primeiros instantes das aulas do professor Antonino Pagliaro⁴. É com certa emoção que Tullio De Mauro relembra⁵ a maneira como o professor Pagliaro traçava no quadro os eixos horizontais e verticais como representação de sincronia e diacronia, respectivamente. Esse encontro com a linguística saussuriana, no entanto, era bastante incomum, não só na Itália, mas na Europa como um todo por diversos motivos, entre eles a persistente estranheza ao Curso de linguística geral na Alemanha

³ Cf. D'Ottavi 2010: 71, com tradução que pode ser consultada nesta edição.

⁴ Antonino Pagliaro (1898-1973) foi linguista, glotólogo, filósofo e crítico literário italiano, um dos responsáveis pela introdução do pensamento linguístico na Itália.

⁵ Em entrevista concedida à “*Istituzione e Differenza*”, do *Istituto Svizzero di Roma*, em março de 2013. Disponível em: <http://www.differenzadesaussure.istitutოსvizzero.it/intervista-a-tullio-de-mauro/>. Acesso em 18/09/2022.

e um enfraquecimento da voz de Saussure na linguística francesa até o início dos anos 1960.

Esse primeiro encontro de De Mauro com Saussure fez com que o professor italiano avançasse seus estudos saussurianos, até receber o convite da editora Laterza para publicar uma tradução do Curso de linguística geral, que até então era somente lido em francês em território italiano. No entanto, a editora Payot havia informado que o então *Cours de linguistique générale* na Itália havia vendido pouco mais do que uma dezena de cópias entre a reedição de 1922 e os anos 1960.

Assim, ao aceitar a tarefa de tradução do Curso de linguística geral, De Mauro entra em contato com Robert Godel, que se encontrava no *Istituto Svizzero*, em Roma, para seguir seus estudos. Godel coloca De Mauro em contato com Rudolf Engler, que estava preparando a sua edição crítica, material que prontamente disponibiliza ao linguista italiano. A partir disso, De Mauro pode reorientar-se completamente em relação ao pensamento saussuriano, terminando a sua edição crítica em 1967, com apenas 35 anos, produzindo um aparato crítico de tal maneira importante que fora incorporado também na edição francesa a partir de 1972, e não somente nela – a edição inglesa com as notas (Duckworth, London) é de 1983. As notas, muitas vezes, evidenciam as correlações e os problemas de interpretação entre as fontes críticas precedentes, conforme podemos ler na nota 13⁶:

Em um trabalho tão delicado talvez fosse inevitável que os editores incorressem em inconvenientes de diversas naturezas, os quais hoje é possível começar a perceber graças ao minucioso trabalho exegetico de R. Godel e R. Engler. São raríssimos os casos de verdadeiros deslizes cometidos, por assim dizer, por Saussure (CLG 13 n. 23, 212 n. 277). Mais frequentemente os editores redigiram o texto de forma que não fossem perdidas algumas nuances preciosas que podem ser vistas nas anotações (CLG 14 n. 26, 16 n. 32, 30 n. 64, 40 n. 82, 97 n. 129, 107 n. 148, 153 n. 221), ou foram disfarçadas oscilações conceituais (CLG 25 n. 53, 97 no.128 e 129, 147 n. 212) ou terminológicas (CLG 19 n. 38, 41 n. 87, 97 n. 128, 98 n. 130, 101 n. 140, 112 n. 162). Uma vez decidida a sutura de passagens mesmo distantes entre si, era inevitável que no texto surgissem interpolações e acréscimos complementares, assim como era inevitável tornar explícito aquilo que nas notas estava implícito para se chegar a um texto gramaticalmente correto. **Aqui e ali os editores não tiveram uma mão completamente feliz, e o pensamento de Saussure é um pouco forçado** (CLG 24 n. 49, 32 n. 70, 66 n. 116, 100 n. 139, 105 n. 147, 112 n. 161, 125 n. 185, 129 n. 192, 131 n. 193, 140 n. 199, 172 n. 250). Às vezes as consequências do trabalho de encaixe e sutura são mais graves para a inteligibilidade do pensamento autêntico de Saussure (CLG 25 n. 51, 63 n. 111, 99 n. 132, 100 n. 136, 103 n. 145, 124 n. 183). Alterações no limite do arbítrio ocorrem em vários pontos (CLG 30 n. 63, 30 n. 65, 34 n. 74, 97 n. 128 e 129). Não faltam verdadeiras alterações, por vezes muito graves, com introduções

⁶ Todas as traduções da edição crítica do CLG de Tullio De Mauro presentes neste artigo partem da edição italiana (Saussure 2015) e são de nossa autoria.

de termos que Saussure tinha evitado por razão vista (CLG 63 n. 111, 110 n. 156, 115 n. 166, 123 n. 182, 140 n. 192, 144 n. 204, 145 n. 206, 157 n. 228, 164 n. 235, 166 n. 240, 176 n. 256, 177 n. 257, 180 n. 259, 198 n. 270, 302 n. 301). Um caso de “adivinhação” indevida das intenções de Saussure é a famosa frase final do CLG (p. 317). É muito difícil distinguir o que é devido a um ou outro editor (ver alguns exemplos n. 46 e 119) (Saussure 2015: 369, grifos nossos).⁷

Como se pode perceber, a edição organizada por De Mauro é um importante ponto de apoio para a leitura do CLG⁸ por apresentar simultaneamente uma interpretação crítica, teórica e contextual do pensamento de Saussure, visto que o autor das notas coordena um olhar detalhista quanto às fontes, consistente quanto aos conceitos e contemporâneo no que diz respeito ao desenvolvimento da linguística após a publicação do CLG em 1916.

Parece-nos importante apontar que quatro anos antes de sua edição crítica, De Mauro havia publicado *Storia linguistica dell'Italia unita*, muito distante em inspiração e quase hostil em mentalidade à abordagem teórica da linguística saussuriana, por se tratar de uma obra que visa apresentar o “uso da língua” na prosa literária e poesia, além de fenômenos linguísticos pontuais como parte da evolução da língua de uma única e mesma nação. Albano Leoni (2018, com tradução que pode ser consultada nesta edição) enfatiza a importância dessa dupla contribuição de De Mauro à linguística italiana:

A Storia linguistica dell'Italia unita e o *Corso di linguistica generale* também foram um grande e, talvez inesperado, sucesso editorial: isso concorreu para chamar a atenção de Laterza e da editoria italiana sobre a linguística e, assim, iniciar uma animada temporada de traduções que, entre os anos sessenta e setenta, fizeram entrar na Itália os textos-chave da linguística europeia e estadunidense.⁹

Pelo que se pode notar a partir dos apontamentos de Albano Leoni, conhecer a biografia de De Mauro é entender também um tanto dos desdobramentos da história recente dos estudos da linguagem na Itália.

Tullio De Mauro é, sem sombra de dúvidas, o maior linguista italiano, conhecido até mesmo por aqueles que não se dedicam aos estudos linguísticos; suas contribuições

⁷ Cf. De Mauro, em Saussure 2015: 369, grifos nossos.

⁸ Como diz Cosenza (2018: 59), “[...] T. De Mauro acrescentou o paratexto mais conhecido e traduzido até hoje ligado ao CLG; em certa medida, a edição italiana conserva e expande uma história editorial que, em 1967, tinha cerca de 50 anos e, atualmente, um século após a publicação do CLG, pode-se reconhecer que esta edição De Mauro foi publicada durante o que podemos chamar de segunda expansão do CLG na comunidade científica.” (tradução nossa).

⁹ Cf. Albano Leoni 2018, com tradução que pode ser consultada nesta edição.

podem ser encontradas em diversas publicações¹⁰, de tratados científicos a artigos de jornal e revistas.

De Mauro, em 1961, depois de apenas cinco anos de formado, assume a disciplina de Filosofia da linguagem, até então ministrada por Antonino Pagliaro, na *Università di Roma*. Seis anos depois, em 1967, De Mauro é o primeiro a ocupar uma cátedra de Linguística geral na Itália, ambas disciplinas ainda não completamente definidas e legitimadas nos anos sessenta. É ainda em 1967 que a *Società di Linguistica Italiana* é fundada, e da qual De Mauro se tornará presidente em 1970.

A carreira de Tullio De Mauro, como se pode perceber, vai além de seu conhecimento como professor e pesquisador do legado do mestre genebrino. Foi vereador, ministro da educação, membro de inúmeras comissões, presidente de várias instituições/associações, curador e editor de um grande número de publicações acadêmicas e autor de uma respeitável lista bibliográfica.

Em 2005 uma vez mais ocupa-se diretamente de Saussure, na qualidade de curador da edição italiana dos *Scritti inediti di linguistica generale*, obra para a qual escreveu uma longa introdução e comentários, além da tradução do texto¹¹.

Em janeiro de 2017, De Mauro faria a conferência de encerramento do evento em homenagem aos cem anos de publicação do Curso de linguística geral, na *Université de Genève*¹². Infelizmente, veio a falecer uma semana antes, em Roma.

2. SOBRE OS ESTUDOS DA LINGUAGEM

No prefácio que escreve ao Curso de linguística geral, De Mauro (Saussure 2015: VIII, tradução nossa) enfaticamente já anuncia que “é evidente o quanto a linguística, a semiologia, a antropologia dos nossos tempos devem a Saussure”. De fato, temos, a partir da publicação do CLG, efeitos de sua recepção e interpretação em vários campos

¹⁰ A extensa bibliografia de Tullio De Mauro pode ser consultada em seu site: <https://www.tulliodemauro.com/bibliografia/>. Acesso em 18/09/2022.

¹¹ A obra *Scritti inediti di linguistica generale*, de 2005, foi produzida a partir da tradução da edição francesa intitulada *Écrits de linguistique générale*, de 2002, mas não apresenta exatamente a mesma formatação, pois contém apenas os textos realmente conhecidos como “Novos Documentos”: “Sobre a dupla essência da linguagem” e outros manuscritos autográficos classificados como “Novos Item”. Como bem sabemos, a tradução da edição brasileira dos Escritos de linguística geral, de 2004, baseou-se no original francês (e, portanto, vem acompanhada dos documentos listados acima acrescidos de: “Outros escritos de linguística geral”, “Notas preparatórias para o curso de linguística geral”, além de vários outros “Antigos Documentos” já anteriormente publicados em Engler 1968-1974 - cf. Saussure 1989) e infelizmente não traz a importante reflexão de De Mauro que acompanha a edição italiana.

¹² *Le cours de linguistique générale 1916-2016. L'émergence*. Genève, 9-13 janvier 2017.

que se ocupam da relação do sujeito com a linguagem. Em Colombat, Fournier e Puech (2017), pode-se ler como os ecos dessa transmissão se deram no contexto europeu. Veremos, mais adiante, que na Itália há certas particularidades nos desdobramentos dessa recepção.

Mas por que continuar estudando Saussure? De Mauro, na introdução dos *Scritti inediti di linguistica generale* aponta um caminho:

Entre os anos 1930 e 1950, sobre a base de leituras não sempre precisas do CLG, se criara, como escrevera Giulio Lepschy nos anos sessenta, uma ‘vulgata’ saussuriana tecida por clichês que, às vezes, pode acontecer de se ouvir repetir: Saussure que “separa” *langue* de *parole*, isto é, da expressão individual, Saussure que “esmaga” o indivíduo sob o peso da *langue*, Saussure que ignora os indivíduos, Saussure que “separa” sincronia de diacronia, que tem uma visão estática da *langue*, Saussure abstrato, anti-histórico, Saussure que não se ocupa de semântica, Saussure que despreza a escrita, Saussure materialista “bruto e grosseiro”, Saussure idealista obstinado etc¹³ (Saussure 2005: VIII, tradução nossa).

E essa é a mesma direção indicada pelo professor de Filosofia da linguagem e ex-presidente do *Cercle Ferdinand de Saussure*, Daniele Gambarara em uma entrevista concedida ao *Istituto Svizzero* em 2013. Gambarara afirma que nós acreditamos ter lido Saussure, mas na verdade não o lemos, pois não o lemos no sentido filológico, não lemos todas as suas obras, e também não o lemos em sentido filosófico.

Ao mesmo tempo em que não minimiza o lugar que ocupa o Curso de linguística geral na história dos estudos da linguagem, Gambarara está longe de torná-lo única fonte de inspiração para os estudos:

na difícil conjuntura em que se encontra hoje a teoria da linguagem, é necessário ler Saussure porque ele ainda é novo e sempre pertinente, e pode nos dar indicações de como sair da crise. Digo ler, e não reler, porque o texto que já lemos, o Curso de Linguística Geral (o CLG), publicado por Bally e Sechehaye, está na origem dessa crise (Gambarara 2005: 29, tradução nossa).

Uma das razões da crise na teoria da linguagem da qual fala Gambarara pode ser a leitura limitada que se fez de Saussure – e que muitos continuam reproduzindo

¹³ No original: Fra gli anni Trenta e Cinquanta del Novecento, sulla base di letture non sempre accurate del CLG, si creò, come scrisse Giulio Lepschy negli anni Sessanta, una *vulgata* saussuriana tessuta di luoghi comuni che, talora, ancora può accadere di sentir ripetere: Saussure che “separa” la lingua dalla *parole*, cioè dall’esprimersi individuale, Saussure che “schiaccia” l’individuo sotto il peso della *langue*, Saussure che ignora gli individui, Saussure che “separa” la sincronia dalla diacronia, che ha una visione statica della lingua, Saussure astratto, antistorico, Saussure che non si occupa di semantica, Saussure che disprezza la scrittura, Saussure “rozzo e grossolano” materialista, Saussure impenitente idealista ecc (Saussure 2005: VIII).

ainda hoje – a partir do Curso de linguística geral, já que esta síntese se tornou um clássico da linguística. D'Ottavi é claro em relação a essa crítica, apontando que

foi isso que abriu o horizonte das pesquisas da linguística e das ciências humanas entre as décadas de 1930 e 1960, ajudando a lançar e moldar – em troca – a imagem de um Saussure "estruturalista sem saber" (Mounin) que acabou sendo amplamente adotada e difundida¹⁴ (cf. D'Ottavi, nesta edição).

Nesse sentido, Marchese (2009: 59) aponta um caminho:

os manuscritos resgatam, ainda uma vez, a questão filológica da edição do *Cours*, que deveria ser revista à luz de todos os manuscritos saussurianos. Na esteira dessa edição integral de todos os manuscritos saussurianos, seria também necessária uma revisão da terminologia saussuriana, atualmente fundada sobretudo no *Cours*¹⁵ (cf. Marchese, nesta edição).

A recepção e continuidade das pesquisas saussurianas, não só na Itália, muitas vezes sofreram as consequências de uma leitura apressada e restrita a uma interpretação estruturalista do CLG. Tullio De Mauro, e não tememos dizer, muitos linguistas saussurianos italianos que nele se inspiraram, tomou sempre o cuidado de levar em consideração o CLG em relação com o conjunto de fontes que compõem aquilo que conhecemos como o *corpus* saussuriano, como podemos observar na análise da preciosa nota 16¹⁶ (Saussure 2015: 370):

Apenas nos últimos anos o nobre propósito dos editores conseguiu encontrar uma sequência nos fatos e os críticos foram capazes de distinguir entre o "mestre" e "seus intérpretes". O problema da validade da redação do CLG, colocado com tanta franqueza e sensibilidade pelos editores, foi retomado, após o aparecimento do *Cours*, por P. Regard, cujas críticas, porém, continuam isoladas. Em 1931, por ocasião do Congresso internacional de linguística, em Genebra, foi ainda um dos editores que advertiu os estudiosos ao apontar que em uma passagem do CLG sobre o fonema havia, segundo ele, uma "*faute de rédaction*"; mas mais uma vez a advertência permaneceu sem eco, e os estudiosos continuaram a argumentar, dando como certa a fidelidade e coerência da redação (Godel 1961: 295). Assim se criou "uma espécie de vulgata ideal... do saussuriano absorvido pelo pensamento europeu (pelo menos no que diz respeito a alguns núcleos vitais do *Cours*), sem que se abordasse o problema da reconstrução rigorosa (ou reconstituição) da posição saussuriana" (Lepschy 1972: 69-70); como teremos ocasião de confirmar várias vezes em particular, o CLG "não foi assimilado pelos linguistas europeus em sua totalidade... Foram antes pontos isolados do *Cours* que encontraram crédito; e esses pontos eram muitas vezes isolados do contexto do pensamento saussuriano..." (Lepschy 1961: 200-201). [...]

¹⁴ Cf. D'Ottavi 2010: 71, com tradução que pode ser consultada nesta edição.

¹⁵ Cf. Marchese 2009: 59, com tradução que pode ser consultada nesta edição.

¹⁶ A seguir, apresentaremos excertos da nota 16 da edição crítica do CLG de Tullio De Mauro. A referida nota é inserida ao final do prefácio à primeira edição, no trecho em que Bally e Sechehaye assumem a responsabilidade e antecipam as possíveis críticas que poderiam receber por assinarem a edição do CLG. Em função dos objetivos do presente texto, trabalharemos apenas com alguns recortes dessa extensa nota.

Esse tipo de exposição do pensamento de Saussure fez marca em seu tempo. A partir de 1939, com o início da disputa sobre a arbitrariedade, se começa a tomar consciência do fato de que o CLG enrijeceu um pensamento cuja forma era presumivelmente flutuante seja, talvez, por profundas razões conceituais seja, mais certamente, por ter-se manifestado através de todas as imperfeições e hesitações da exposição oral em suas aulas. Em 1950, em um artigo que por muito tempo permaneceu nas páginas de uma revista pouco conhecida (Engler 1964: 32, Godel 1966: 62), M. Lucidi nota explicitamente esse caráter esquivo do texto do CLG e indica com precisão as várias razões para isso (Lucidi 1950: 185). Dois anos depois, a fim de verificar o sentido autêntico (justamente suspeito de divergente) de *différence* e *opposition*, Frei tenta primeiramente um reconhecimento direto das fontes manuscritas (Frei 1952, *SM*¹⁷ 196, Godel 1961: 295). Começamos a perceber a gravidade desse trabalho de sutura e nivelamento que os editores tinham denunciado tão claramente.¹⁸

E, a seguir, reforça:

Em 1954 Malmberg não coloca apenas este problema, o problema das discrepâncias e oscilações por assim dizer sincrônicas, inerentes ao pensamento de Saussure por volta de 1910 e talvez disfarçadas pelos editores; junto, coloca o problema da estratificação diacrônica do texto, disfarçada pela unidade da arquitetura conferida pelos editores à matéria. No mesmo número dos *CFS*¹⁹ em que aparece o artigo de Malmberg, os “*ébauches anciennes*”, na cópia feita por Secheyhayé, são trazidos à luz. Os efeitos logo se fizeram sentir: as últimas duas ou três páginas do artigo de Martinet sobre dupla articulação e arbitrariedade parecem pressupor a leitura das *Notes* 19-21. As *Notes* são devidas a R. Godel, que assume o encargo de uma exploração minuciosa das fontes manuscritas: em três anos nasceu a obra a que nos referimos aqui com *SM*. Saussure se revela sob uma nova luz (Heinimann 1959), aliás, alguns aspectos parecem francamente novos. Além das novidades individuais sobre as quais permanecerá este comentário sobre a tradução do CLG, **há uma renovação substancial do modo de nos relacionarmos com Saussure**. Em contato com os problemas de formação do texto e, ainda antes disso, de formação do próprio pensamento saussuriano, a arquitetura unitária imposta pelos editores à matéria se despedaça e desmorona: o pensamento de Saussure salta à tona, problemático, autêntico, vital, livre da dogmática, da gratuidade que lhe foi conferida, com as melhores intenções, pelos editores. O pensamento de Saussure, em suma, aparece pelo que era: não um conjunto de dogmas, mas a exploração paciente das conexões (completamente ignoradas pela “vulgata ideal”) entre múltiplos “*points de vue*”, segundo as felizes palavras de Godel (1961: 295).²⁰

Conforme colocamos em destaque acima, De Mauro, no decorrer da elaboração de sua edição crítica, tinha consciência de que o conjunto das fontes consultadas provocava um alargamento daquilo que se entendia como o pensamento de Saussure. Porém, isso não o faz diminuir o valor do legado que representa a obra. Apenas

¹⁷ *SM* = *Sources manuscrites* (Fontes manuscritas), cf. GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève: Droz, 1957.

¹⁸ Cf. De Mauro, em Saussure 2015: 370.

¹⁹ *CFS* = *Cahiers Ferdinand de Saussure* (Cadernos Ferdinand de Saussure), revista publicada desde 1941, sob o comando do *Cercle Ferdinand de Saussure* a partir de 1957 (<https://www.cercleferdinanddesaussure.org/les-cahiers-ferdinand-de-saussure/>).

²⁰ Cf. De Mauro, em Saussure 2015: 370-371.

sublinha as próprias oscilações de Saussure ao organizar suas aulas. Nesse sentido, De Mauro dirige-se ao leitor do CLG, reforçando o alerta:

No entanto, entre os outros problemas inerentes à demonstração, já naqueles anos, e cada vez mais nos anos seguintes, Saussure se questionava intensamente sobre o problema do início e da ordem a dar à matéria, a ponto de desvalorizar o mérito das declarações individuais em benefício exclusivo da ordem em que foram propostas e justificadas. Muito provavelmente na época do segundo e terceiro cursos ele deve ter vislumbrado uma solução válida e, como tal, ele a indica aos alunos. Mas a solução quanto ao ordenamento da matéria era, para ele, ainda e apenas uma hipótese de trabalho, de um trabalho que a morte o impediu de realizar. De fato, ainda nos anos dos três cursos de linguística geral, “seu pensamento evoluiu em todas as direções sem se contradizer”, como escreveram, novamente com precisão exata os editores. Agora, rompida pelo *SM* e pela edição de Engler a completude externa do texto conhecido, os “pontos” da “vulgata ideal” restituídos ao seu contexto de origem, além de qualquer aquisição exegetica, além de qualquer convite a novas pesquisas singulares, é isso que encontramos novamente. Nas notas autográficas, nas notas sobre as conversas, nas notas dos alunos que agora podemos julgar fiéis à voz do professor, enfim e sobretudo naquelas numerosas páginas do CLG as quais a sagacidade dos editores soube felizmente condensar, a partir de fontes manuscritas, as doutrinas saussurianas, encontramos o dinamismo móvel do pensamento, a capacidade de suscitar novas energias de pesquisas que se desdobram fecundamente em múltiplas direções: as qualidades que fascinavam e atraíam os alunos.²¹

Mas os impactos e reconhecimento do legado saussuriano não se constata de forma evidente até mesmo em publicações de referência do campo. No ano de 1992, por exemplo, a *Oxford University Press* publicou a *International Encyclopedia of Linguistics* em quatro densos volumes, com os esforços de dezenas de especialistas, majoritariamente norte-americanos e britânicos. Chama nossa atenção que, com um grupo de artigos dedicados aos maiores linguistas (excluídos os viventes) dos séculos 19 e 20, como Bloomfield, Boop, Jakobson, Humboldt, não exista nenhum texto dedicado a Saussure. Poderíamos, então, observando essa decisão editorial, pensar que o mestre genebrino estaria relegado a um segundo plano? Seria ele um linguista de menor importância? De Mauro²² esboça uma resposta em relação a essa ausência de Saussure na referida enciclopédia:

Quem tem paciência e consulta toda a obra logo percebe um fato. Saussure é, depois de Chomsky, um dos linguistas mais frequentemente citados nos vários artigos, ao lado de Jakobson, Bloomfield e Sapir. E tem mais. Depois dos artigos dos diversos colaboradores, encontra-se, no apêndice ao quarto volume, um excelente glossário editorial de cerca de setenta páginas. Aqui, nas áridas apresentações dos termos-chave da linguística de hoje, Saussure não é apenas muito citado, mas é o mais citado de todos os linguistas (De Mauro, em Prampolini 2017: 10, tradução nossa).

²¹ Cf. De Mauro, em Saussure 2015: 372, com tradução que pode ser consultada nesta edição.

²² No prefácio que faz ao livro de Prampolini (2017).

E De Mauro segue, com uma precisão impactante:

[...] para aqueles que, ainda que teoricamente orientados, desejem dar-se conta das contradições insolúveis, da problematicidade do campo de reflexão e pesquisa, [...] Saussure é companheiro e guia: não pelas soluções que oferece, mas pelas advertências críticas que sugere, pelos problemas que coloca e nos coloca (Idem, tradução nossa).

Para seguirmos nossa reflexão que busca compreender de que maneira o pensamento saussuriano aflora na linguística italiana, são inspiradoras as palavras de De Mauro no prefácio do Curso de linguística geral:

E se as salas de suas aulas, em Paris e em Genebra, podiam parecer e estavam meio vazias, as listas dos alunos, recentemente reconstituídas com meritória paciência, revelam que muitos que saíram de lá em boa parte estavam entre aqueles que no final do século XIX e começo do século seguinte constituíram a espinha dorsal, a conexão vital da universidade francesa e franco-suíça. Mais ainda: **aqueles que guiaram a linguística moderna se formaram no ensinamento de Saussure** (Cf. De Mauro, em Saussure 2015: VII, grifos nossos).

E também:

A ilustre obra de Bally e Sechehaye é hoje verdadeiramente continuada somente por quem contribui para compreender e fazer compreender que, conscientemente ou não, boa parte da linguística do século XX trabalhou para que, além da redação do *Cours*, o ensinamento de Saussure fosse recuperado na sua forma mais autêntica, e nessa sua forma se abrisse lentamente diante disso uma **nova perspectiva vital** (Cf. De Mauro, em Saussure 2015: IX, grifos nossos).

É exatamente essa a imagem que temos de Tullio De Mauro, pensando agora na transmissão do legado saussuriano entre os séculos XX e XXI. A forma exigente, mas ao mesmo tempo generosa e didática com que o professor e pesquisador italiano ensinou parece ter feito importante eco nas novas gerações de linguistas italianos (não só, mas principalmente).

3. CONCEITOS INTRADUZÍVEIS: LANGUE E PAROLE

O apontamento feito por Tullio De Mauro na Introdução do CLG nos serviu de alerta. No que diz respeito especificamente ao uso dos termos, De Mauro mostra qual costumava ser a tendência do próprio mestre genebrino: “a parcimônia galileana na introdução de neologismos técnicos (ele prefere a via da definição estipulativa que

redetermina e disciplina tecnicamente o uso de palavras correntes)” (cf. De Mauro, em Saussure 2015: V).

Sabemos que Saussure travou uma busca incansável para definir os termos mais adequados a serem utilizados em suas aulas e nas pesquisas em linguística em geral. Dentre estes termos, encontramos *langue* e *parole*, que, acreditamos, não podem ser simplesmente traduzidos para o português como “língua” e “fala”, justamente por serem conceitos teóricos fundantes para a reflexão do mestre. Obviamente, eles são mobilizados por linguistas nas mais diferentes línguas do mundo, como aponta De Mauro (2015: IX). Na nota 68 de sua edição crítica do CLG, De Mauro examina detalhadamente a tríade *langage-langue-parole*, mantendo os termos em francês, já que a escolha pela tradução dos mesmos poderia ocasionar equívocos. Olhemos, portanto, mais de perto o que diz a nota 68 de De Mauro (Saussure 2015: 389-391, grifos nossos):

A afirmação tem um tom positivista: encontra-se no início do Tratado de sociologia geral de V. Pareto (I, I: 108-119). Na realidade, a “discussão das coisas”, o “partir das coisas e não das palavras” etc. são miragens professorais ou metáforas pouco felizes. Nunca nos libertamos da rede de símbolos verbais graças à qual identificamos nossas experiências: exceto no sentido de que podemos abandonar uma determinada rede por outra, ou modificar aquela da qual dispomos, integrando-a, aprimorando-a etc. Encontramos, aliás, provas de que **Saussure nunca se libertou das palavras nas dificuldades, nas discussões, nas polêmicas em torno do problema de traduzir o trio *langue-parole-langage* para outras línguas** (mas isso também prova que o trabalho científico pode reordenar, de forma adequada a determinados fins técnicos, os usos linguísticos correntes). Abaixo, examinamos as traduções desse trio em várias línguas.

[...]

ITALIANO: em italiano não apresenta dificuldade a tradução do par *langue-langage*, perfeitamente rastreável com *lingua-linguaggio*. A especificação, no sentido saussuriano, dos significados dos dois vocábulos é agora quase geral: apenas alguns filósofos da ciência e da linguagem, influenciados pelo inglês *language* e pouco atualizados de coisas linguísticas, persistem no uso de *linguaggio* com o significado de “língua” (cf. a tradução de *Philosophische Untersuchungen* de L. Wittgenstein, Turim 1967, ed. M. Trinchero: 9-10). Por outro lado, a tradução de *parole* é difícil. O equivalente italiano mais imediato é, obviamente, *parola*. Fora de contextos concretos, a tradução pode parecer plausível: dos 21 significados de *parole* listados, por exemplo, no Petit Larousse apenas um (*porter la parole*) não é ou é mal traduzido pelo vocábulo italiano *parola*; e em um dicionário italiano de tamanho equivalente ao Larousse, por exemplo, no Zingarelli, todos os significados de *parola* podem ser expressos com o francês *parole*. Mas já a análise dos dois dicionários revela um limite no uso real dos dois vocábulos em suas diferentes acepções: das 21 indicadas no Larousse apenas uma está próxima de “vocábulo”, enquanto as outras 20 estão bastante próximas de “modo de expressar-se, expressão verbal”; vice-versa, no dicionário italiano análogo os exemplos estão pela metade próximos de “vocábulo”. E, se descermos a uma análise mais minuciosa, enquanto as frases italianas em que *parola* tem o sentido de “expressão verbal” são bastante excepcionais (arcaicas: *Se io non ho ben la tua parola intesa*; majestosas: *la parola del Signore, il dono della parola*; semi-burocráticas: *chiedere la parola, dare la parola*), e são, porém, correntes os

usos de *parola* no sentido de "vocábulo", em francês a situação é exatamente o oposto. Em outros termos, na maioria dos casos o italiano *parola* não corresponde ao francês *parole*, mas ao francês *mot*. Aqui está a origem evidente da dificuldade: em um texto no qual não se fale de *mot*, *parole* pode ser traduzido, embora forçando um pouco o uso corrente, como *parola*; mas em um texto em que também se fale de *mot*, e no qual, portanto, também aparecerá *parola* no sentido de "vocábulo", **traduzir *parole* como *parola* expõe equívocos evidentes. Esta é a razão pela qual a tradução mais imediata** (usada, por exemplo, por Pagliaro 1957: 32 e Lepschy em Martinet 1966) **foi descartada aqui**. As outras soluções já adotadas ou possíveis são: imprimir PAROLA quando vale *parole*, e p a r o l a quando significa *mot* (G. Devoto, carta particular de 12 de fevereiro de 1964), solução questionável neste texto por razões gráficas; traduzir por *atto linguistico* (assim M. E. Conte, *Sigma* 10, 1966: 45), perdendo no entanto a ambivalência de *parole*; traduzir por *(il) parlare*, ou *espressione*, refugiando-se da dificuldade anterior, mas dando origem a locuções muito pesadas no primeiro caso (e ridiculamente arcaizantes, "*puotiane*" no plural: *i parlari*), e no segundo, arriscando equívocos de natureza cultural, dada a ligação que se estabelece, ao nível culto, entre a *espressione* e a ainda vital concepção estético-linguística crociana. Considerando todas essas dificuldades, especialmente em uma tradução como a atual, baseada na mais precisa concordância com o original, **preferiu-se manter o vocábulo francês no texto italiano.**

[...]

É difícil não concluir que, contra a profissão de fé nas "coisas", Saussure, tendo se servido do francês, pode mais facilmente elaborar a clássica tripartição (cf. Kronasser 1952: 21).

Seguindo o posicionamento do linguista italiano, encontramos trabalhos mais recentes que também optam por manter os termos *langue e parole* em francês, conforme apontaremos a seguir. E essa tem sido também nossa conduta, ao lidar com esses dois conceitos: mantê-los em francês. Além de assumidamente acompanharmos o posicionamento de De Mauro, a leitura que temos feito de autores saussurianos contemporâneos tem corroborado esse ponto de vista. A título de ilustração, apontaremos a seguir algumas ocorrências com as quais nos deparamos²³.

Maria Pia Marchese, professora da *Università di Firenze*, acompanha o posicionamento de De Mauro. Marchese publicou um minucioso trabalho filológico, em 1995, dos cinco cadernos sobre a fonética saussuriana com o título *Phonétique. Il manoscritto do Harvard Houghton Library*, em cuja introdução lemos:

*Anche il concetto di opposizione tra **langue e parole** che si ritiene essere stato sviluppato da Saussure nel decennio 1890-900, dopo la lettura di Boudouin e di Kruszewski, è già chiaro nella mente de Saussure al momento della stesura di questi scritti* (Marchese, em Saussure 1995: XXIII).

²³ Nos recortes que apresentaremos a seguir, propositalmente não nos ocuparemos de realizar a tradução. A opção por manter o texto no original deve-se a nosso objetivo teórico-metodológico de pôr em destaque o contraste do uso dos termos *langue e parole* em francês, diferente daquele em que cada um dos textos em questão foi redigido.

Giuseppe D'Ottavi (2010: 83), outro conhecido pesquisador do manuscrito de Harvard, e que foi inclusive aluno de Tullio De Mauro, segue as orientações de seu professor:

*Orientato com'è alla distinzione e all'illustrazione delle fasi dello scambio verbale interindividuale al fine dell'inquadramento della sfera psichica come sede della **langue**, il circuito della **parole** finisce quindi per non incorporare – o almeno per non farlo in maniera troppo evidente – le conseguenze che sul piano della comprensione si tirano abbracciando la visione saussuriana nel suo complesso.*

Assim também o faz Marina De Palo (2016: 59), professora de Filosofia da linguagem na *Università Sapienza*, de Roma:

*Un altro aspetto relativo alla ricezione linguistica si collega all'atto di **parole**. Esso è anteriore alla fissazione della **langue** (“non c'è niente nella langue che non sia entrato - direttamente o indirettamente - dalla **parole**” CLG/E, 344 IIIC) e perciò nella **parole** sembra che sia il momento ricettivo ad avere la precedenza.*

Igualmente Emanuele Fadda (2017: 89), professor da *Università della Calabria*, ao realizar sua leitura bastante original do que é social e individual no âmbito da linguagem, assume essa mesma conduta terminológica: “*quella fra rapporti di opposizione e rapporti di scambio, quella tra **langue** e **parole** e quella tra sincronia e diacronia*”.

Massimo Prampolini, que desenvolveu suas pesquisas sobre a linguística saussuriana e os desenvolvimentos dos estudos linguísticos e semióticos no estruturalismo europeu, não hesita quanto à escolha pelos vocábulos em francês: “[...] *l'identificazione dell'oggetto della linguistica, la distinzione tra **langue** (la 'lingua' e **parole**, la distinzione tra elementi esterni e interni alla lingua, il rapporto tra lingua parlata e lingua scritta*” (Prampolini 2017: 35).

Raffaele Simone (1995: 245), importante estudioso de linguística e filosofia da linguagem, ao abordar a questão do sujeito falante na teoria saussuriana, até mesmo em um texto traduzido para o inglês, mantém essa decisão: “*It is also a hinge between **parole** and **langue**: the former creates it, the latter incorporates and standardises its effects*”. Esse achado nos chamou ainda mais a atenção, visto tratar-se de um autor italiano que pesquisa um teórico francófono publicando em inglês. Em meio a essa babel idiomática, pareceu-nos significativo que Simone tenha preservado os conceitos no idioma original.

Nas publicações em língua portuguesa, essa tendência parece só ser evidenciada mais recentemente. Em um primeiro rastreo, percebemos que Faraco mantém *langue*

e *parole* na apresentação que faz à nova edição do CLG em português: “Meillet faz uma breve referência ao par *langue/parole*, que considera essencial” (Saussure 2021: 22). No entanto, não parece ter sido essa a escolha do tradutor da referida edição. Marcos Bagno chega a utilizar os termos em francês ao assinalar questões pontuais acerca desses decisivos conceitos saussurianos em suas notas, como podemos ler na nota “a”, da página 52: “É importante sublinhar que a partir desse momento o termo língua traduz *langue*, já no sentido ‘saussuriano’ do termo, isso é, de ‘lado social da linguagem’ em oposição à fala (*parole*)” (Saussure, 2021: 52); e na nota “e”, da página 57, mas acaba, no decorrer da tradução do texto do CLG, por manter os termos em língua portuguesa.

Em publicações mais recentes de nosso grupo de pesquisa²⁴, assumimos a decisão de seguir a recomendação de Tullio De Mauro, a partir de trabalhos como o de Ribeiro (2019: 25), no qual lemos: “Os conceitos de língua e fala são delicados e merecem nossa atenção. Optamos, neste trabalho, por utilizar os termos em francês (*langue* e *parole*) para tratar de tais conceitos saussurianos”.

Também em Stawinski (2020: 26) encontramos:

[...] sublinhamos a nossa opção em utilizar os termos saussurianos *langue* e *parole* em lugar das traduções língua e fala, com o intuito de demarcar seu estatuto conceitual, além de evitar possíveis interpretações redutoras de “língua” como idioma e de “fala” como realização articulatória.

Ou ainda em Milano (2020: 829), onde encontramos “[...] lidar com o objeto, seja ele linguagem, *langue*, *parole*, voz ou escuta, de forma unária, binária ou trinitária (ou outra ainda) é que vai fazer toda a diferença”.

Obviamente, como aponta De Mauro na nota 68 do CLG, essa não é apenas uma escolha de natureza tipológica, mas conceitual. Grafar *langue* e *parole* mantendo os termos em francês é preservar o estatuto de conceito que eles evocam, ao mesmo tempo em que, e isso não nos parece um detalhe, buscamos evitar a confusão com os substantivos comuns que a tradução deles para o português pode evocar (no caso, *langue*/língua e *parole*/fala).

Essas diferenças entre as línguas, se lidas a partir da noção de valor em Saussure, podem ser constatadas, conforme destacamos nessa seção, especificamente através dos conceitos de *langue* e *parole*. E esse é apenas um exemplo pontual. Em

²⁴ Grupo de pesquisa “O rastro do som em Saussure”, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

nosso percurso de pesquisa, temos percebido que a linguística saussuriana italiana é fortemente acompanhada de um gesto de cunho metalinguístico. Afinal, o próprio idioma que veicula a teoria, e a respectiva tradução que dela se faz, tem consequências teórico-conceituais importantes. Como quisemos apontar, o encaminhamento interpretativo que De Mauro deu para linguística saussuriana, com seu posicionamento teórico em relação aos termos, teve impactantes efeitos na maneira como os linguistas italianos se relacionam com a teoria saussuriana.

4. ENCAMINHAMENTOS

Conforme anunciamos no início, o presente artigo buscou apresentar uma abordagem exploratória inicial da linguística saussuriana italiana. Obviamente, sabemos que apresentar a constituição de uma abordagem teórica específica em um campo tão vasto como é a linguística italiana é uma tarefa arriscada. Por isso sublinhamos o caráter introdutório de nossa investigação.

Nosso ponto de partida foi o autor que é referência para os estudos saussurianos na Itália, Tullio De Mauro. Causa-nos especial admiração o fato de percebermos na figura de De Mauro uma nuance muito próxima a do mestre Ferdinand de Saussure: além de ter sido um brilhante pesquisador do campo da linguística, Tullio De Mauro impactou e deixou marcas em uma geração de estudiosos da linguagem, não só na Itália, é claro. Pelos efeitos que temos acompanhado no desenvolvimento da linguística saussuriana nos últimos tempos, acreditamos que não é exagero dizer que o legado do professor De Mauro repercute intensa e vivamente.

De nossa parte, gostaríamos de destacar uma das muitas lições que temos aprendido estudando autores saussurianos italianos, partindo de De Mauro. No CLG, ao longo de suas minuciosas notas da edição crítica, ilumina nosso aprendizado a originalidade da interpretação produzida. Nessa investigação inicial, compartilhamos uma pequena amostra, na verdade, de grande impacto. A decisão pela não tradução para o italiano de termos como *langue* e *parole* ilustram a preocupação do pesquisador exigente e do professor atento, o que é determinante, a nosso ver, na posição de interpretação da teoria saussuriana por aqueles que tiveram (ou, ainda nos dias de hoje, têm) a oportunidade de acompanhar os apontamentos de De Mauro.

Explorar a edição crítica do CLG de Tullio De Mauro tem nos levado a ler outras obras do autor e, também, a ler outros autores saussurianos italianos contemporâneos.

Esse mergulho teórico muito tem nos inspirado. Nossos próximos passos rumam em direção a um ponto não abordado no presente escrito, mas já no decorrer dele detectado. Uma das particularidades da recepção da teoria saussuriana na Itália é o fato de que os estudos se desdobram em duas vertentes, a da linguística e da filosofia da linguagem²⁵.

O que tentamos fazer nessas linhas, portanto, foi tentar demonstrar como e por que Tullio De Mauro continua sendo um importante ponto de ancoragem para aqueles que se dedicam aos estudos saussurianos italianos. Consideramos impossível se esquivar do linguista italiano, pela densidade e profundidade de sua obra no que concerne aos estudos sobre Ferdinand de Saussure. Durante nosso percurso, reconhecemos na figura de De Mauro pelo menos três aspectos: a. um grande **pesquisador**, por investigar e analisar minuciosamente todas as fontes disponíveis na sua época, além apontar novos caminhos para a interpretação do legado saussuriano; b. um importante **autor**, pois sua edição crítica do CLG é de inestimável qualidade e, ao mesmo tempo, figura como um denso estudo que ganhou divulgação extraordinária ao ser comercializado; e, por fim, c. um brilhante **professor**, visto que testemunhamos hoje, em 2022, uma geração de linguistas italianos contemporâneos que tão habilmente desenvolvem suas pesquisas a partir dos rastros deixados pelos mestres Ferdinand de Saussure e Tullio De Mauro.

²⁵ Talvez possamos dizer que na escola saussuriana alemã aconteça algo similar, conforme se pode ler em Jäger 2003.

REFERÊNCIAS

- ALBANO LEONI, Federico. De Mauro, Tullio. *Dizionario biografico degli italiani*. Roma: Treccani, 2018. https://www.treccani.it/enciclopedia/tullio-de-mauro_%28Dizionario-Biografico%29/Consulta em 13.07.2022
- COLOMBAT, B.; FOURNIER, J.-M.; PUECH, C. Quais foram, historicamente, as recepções do *Cours de linguistique générale*, de Saussure? In: *Uma história das ideias linguísticas*. São Paulo: Contexto, 2017.
- COSENZA, Giuseppe. Le rôle d’Alice Bally dans l’édition italienne du Cours de linguistique générale. *Cahiers de l’ILSL*, n. 57, p. 57-73, 2018.
- DE PALO, Marina. *Saussure e gli strutturalismi. Il soggetto parlante nel pensiero linguistico del Novecento*. Roma: Carocci editore, 2016.
- D’OTTAVI, Giuseppe. Ferdinand de Saussure e Monsieur B. *Bollettino di italianistica*, anno VII, n. 1, 2010.
- FADDA, Emanuele. *Sentimento della lingua. Per un’antropologia linguistica saussuriana*. Alessandria: Edizioni dell’Orso, 2017.
- FARACO, Carlos Alberto. *O efeito Saussure. Cem anos do Curso de linguística geral*. São Paulo: Parábola editorial, 2016.
- GAMBARARA, Daniele. Un texte original. Présentation des textes de F. de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 58, p. 29-41, Genève: Droz, 2005.
- GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève: Droz, 1957.
- JÄGUER, Ludwig. La pensée épistémologique de F. de Saussure. *L’Herne: Saussure*. Org. Simon Bouquet. Paris: Éditions de L’Herne, 2003.
- MARCHESE, Maria Pia. Les manuscrits saussuriens sur la phonétique, du Mémoire au CLG. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n.62, p. 47-61, Genève: Droz, 2009.
- MILANO, Luiza. “As coisas significam alguma coisa?”: sobre as limitações do arbitrário do signo. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 23, n. 3, p. 828-837, jul.-set. 2020.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique par Rudolf Engler, 4 vol. [1967-1974]. Wiesbade: O. Harrassowitz, 1989.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Corso di linguistica generale*. Bari: Editori Laterza, 2015.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Parábola, 2021.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Scritti inediti di linguistica generale*. Bari: Editori Laterza, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Phonétique*. Il manoscritto di Havard - Houghton Library bMS Fr 266 (8). Houghton Library, edizione a cura de Maria Pia Marchese, Università degli studi di Firenze. Padoue: Unipress, 1995.

SIMONE, Raffaele. The Language-User in Saussure (and after). In: Org. FORMIGARI, L.; GAMBARARA, D. *Historical Roots of Linguistic Theories*. Amsterdam: Benjamins, 1995.

PRAMPOLINI, Massimo. *Ferdinand de Saussure*. Roma: Carocci Editore, 2017.

RIBEIRO, Joana de Quadros. “A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido”: uma reflexão sobre os neologismos a partir da teoria saussuriana. 130p. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

STAWINSKI, Aline Vargas. *À escuta da langue-parole: considerações a partir da teoria saussuriana*. 186p. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.